

Frevo

Marcos Ribeiro das Neves

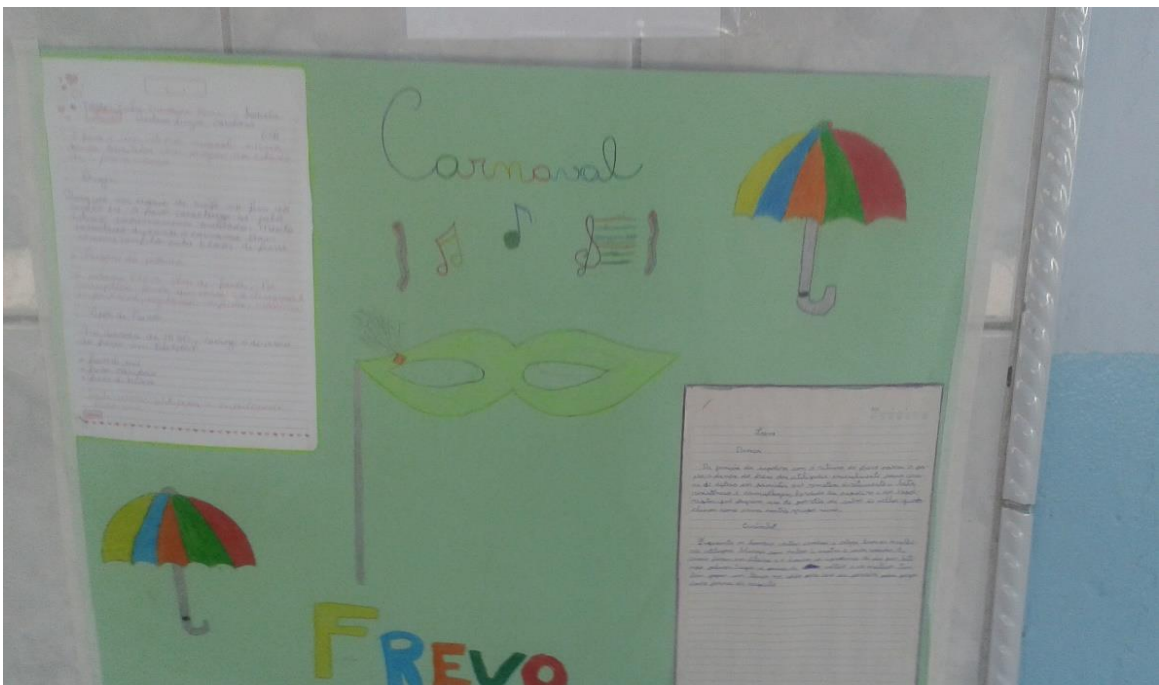
EMEF Dom Pedro I

O relato a seguir descreve o processo de tematização do frevo realizado no primeiro semestre de 2015 com a turma do 6º ano B. Como surgiu a temática? Nós (grupo de professores e gestão da escola) estávamos conversando sobre o Projeto Pedagógico e a coordenadora propôs que, no início do ano abordássemos o Carnaval nas aulas. Os colegas se entre olharam, como que pensando: “Qual vai ser minha contribuição?” Então, sugeri: “Eu vou tematizar as práticas corporais do Carnaval!” Aproveitei e convidei a professora de artes para pensarmos juntos. Alguns professores se posicionaram: “A gente trabalha algumas coisas do Carnaval, mas sempre muito vago, muito raso, muito rápido, porque mal começam as aulas e, na sequência, já vem o Carnaval”.

Considerando que o Projeto Pedagógico da escola desse ano tinha como tema a “Mídia, Educação e Culturas”, daria para fazer um diálogo interessante apesar de ser muito amplo e a solicitação ter sido feita sem base em um critério plausível.

As aulas começaram no dia 04/02 e o Carnaval no dia 16/02. Para iniciar o trabalho, fiz um mapeamento perguntando aos alunos “o que é o Carnaval?” e “quais eram as práticas corporais que surgem nessa época?” Entre algumas colocações, disseram frevo e samba. A respeito do frevo, demonstraram alguns os passos sem saber o nome e lembraram que se usava o guarda-chuva.

Em função do pouco tempo disponível para contribuir com o trabalhado solicitado pela coordenadora, na aula seguinte fomos à sala de informática em busca de conhecimentos mais profundos. Pedi para acessarem as bases de dados que conheciam e registrar no caderno as informações que pudessem coletar sobre o frevo. Após uma ampla discussão com a turma e seleção dos saberes mais relevantes, foram construídos cartazes e afixados no mural da escola. Os materiais foram revisitados várias vezes devido à riqueza e variedade dos conhecimentos registrados.



A partir do mapeamento e da pesquisa realizada. Fui tecer meu Plano de Ensino e planejei a priori uma série de atividades de ensino com os seguintes objetivos:

- Vivenciar os gestos, passos e códigos da dança.
- Discutir coletivamente os elementos que ancoram socialmente a manifestação investigada.
- Analisar, debater e construir marchinhas com diferentes temas.
- Elaborar apresentações e coreografias com passos característicos da dança.

Enquanto instrumentos de avaliação, previmos o seguinte:

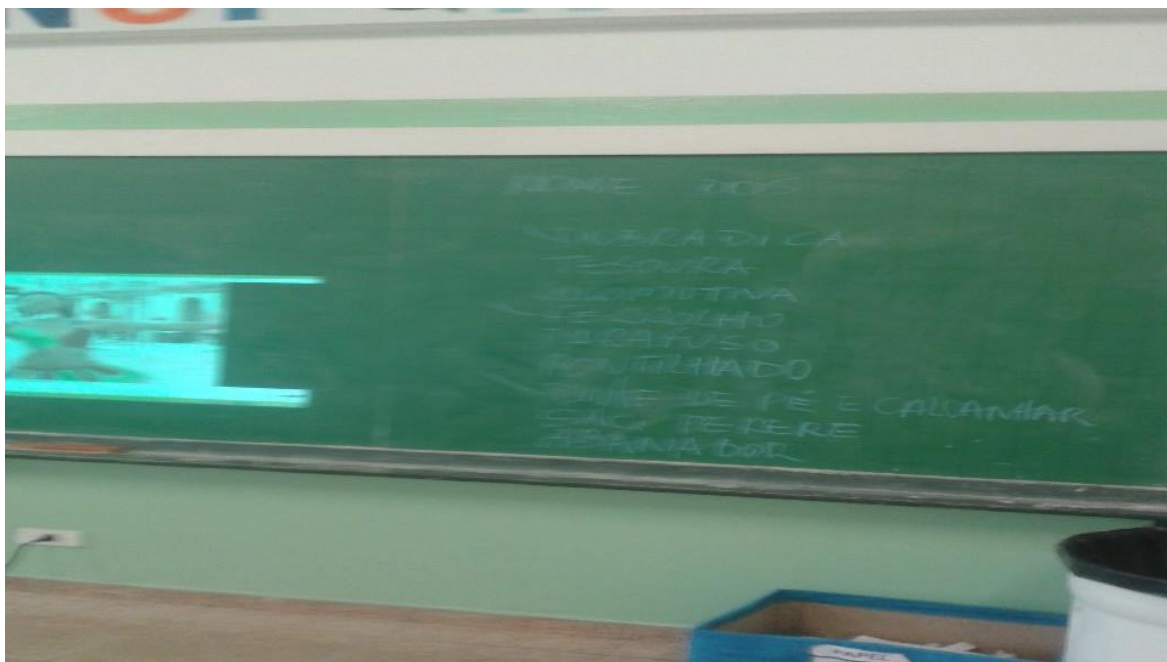
- Registrar por escrito, fotografias e filmagens.
- Apresentação de coreografia
- Elaboração de um mapa com o caminho percorrido.

Os recursos materiais necessários incluíram aparelhagem de som, CDs, megamáquina, guarda-chuva etc.

Em meio às conversas com os alunos, muita coisa emergia e o conhecimento tomava corpo naquele momento. Era uma possibilidade concreta de repensar uma prática cultural que se naturalizou de forma “turista” no currículo da escola. Todos os anos, o tratamento era superficial sobre o Carnaval. Uma coisa rápida, reduzida à apresentação de músicas, cartazes e um curto período para as crianças se apropriarem da gestualidade das práticas corporais envolvidas.

Isso me incomodava muito porque este tipo de trabalho não permite que estudantes tenham uma compreensão mais profunda sobre este elemento da cultura e nesse momento seria uma ótima possibilidade de mexer com o currículo.

Na volta do feriado, para ampliar seus saberes, os estudantes assistiram um vídeo que apresentava e explicava os passos do frevo. Organizamos várias situações didáticas para que todos pudessem vivenciar a variedade de passos existentes: dobradiça, pontilhado, ferrolho, saci Pererê, ponta de pé, calcanhar, abanador, tesoura e outros.



Na continuidade, projetei uma imagem de pessoas dançando frevo e pedi que comentassem com base nas observações. Um aluno perguntou por que as pessoas seguravam guarda-chuvas. Embora quisesse responder, lancei a questão aos demais. Diante da negativa, aproveitei a oportunidade para posicioná-los como etnógrafos e, juntos, buscamos a resposta.

Depois de problematizar caminhamos para a sala de informática e neste dia o objetivo seria buscar possíveis respostas para as questões que os próprios estudantes levantaram durante a aula anterior. Foi assim que o trabalho foi sendo artístado Depois de acessarem algumas bases de dados solicitei que socializassem com os demais.

Busquei informações na literatura e uma das bases que acessei foi um livro intitulado: “ Cem anos de Frevo irreverência e tradição”, escrito por Maria Alice Amorim. A obra traz um estudo aprofundado sobre o assunto, importante para quem tematiza sobre o assunto. Fundamental que o docente estude bastante sobre o tema para poder ampliar, ressignificar e aprofundar o estudo pensando a partir do que emerge em cada aula.

No momento das vivências, trabalhamos a questão da apresentação individual e coletiva com a construção de coreografias. As técnicas aprendidas através dos vídeos foram experimentadas pelos alunos nesses momentos.



Buscando ampliar os conhecimentos dos alunos, selecionei uma série de vídeos que continham outras maneiras de dançar frevo: frevo de rua, frevo de canção e frevo de bloco. Analisamos suas características e conversamos sobre o que os distinguiam das representações iniciais do grupo. Esse tipo de atividade foi pensado para ampliar os saberes dos estudantes sobre o tema.

Também puderam ver um vídeo que abordava a relação da capoeira com frevo, a presença dessa manifestação em Recife e o surgimento da utilização do guarda-chuva. Os alunos descobriram que o adereço simboliza uma arma utilizada pelos praticantes como instrumento de autodefesa. À época do surgimento, os capoeiristas desciam as ladeiras da cidade com pedaços de pau na mão, gesticulando seus corpos representando a dança-luta-brincadeira proibida por lei.

Deu-se, então, um interessante debate sobre a marcação da identidade e a transitoriedade dos significados. Problematizamos a forma de ver a capoeira naqueles tempos e na atualidade, fizemos o mesmo com o frevo.

Aproveitamos o intuito para analisar as letras das músicas. Os alunos comentaram sobre uma disputa de marchinhas de frevo que assistiram na televisão. Mencionaram o “Frevo de mulher”, o “Fuzei seu face” e o “Adoro gordinhas”. Discutimos as intenções e características desse gênero. A partir daí, os alunos foram estimulados a criar as próprias

marchinhas. Surgiram várias paródias que, tão logo cantadas, levaram a turma a cair na gargalhada.

O desafio passo a ser a elaboração de coreografias para as marchinhas. Foram necessárias várias aulas, mas, ao final, todos os grupos apresentaram criações coreográficas.

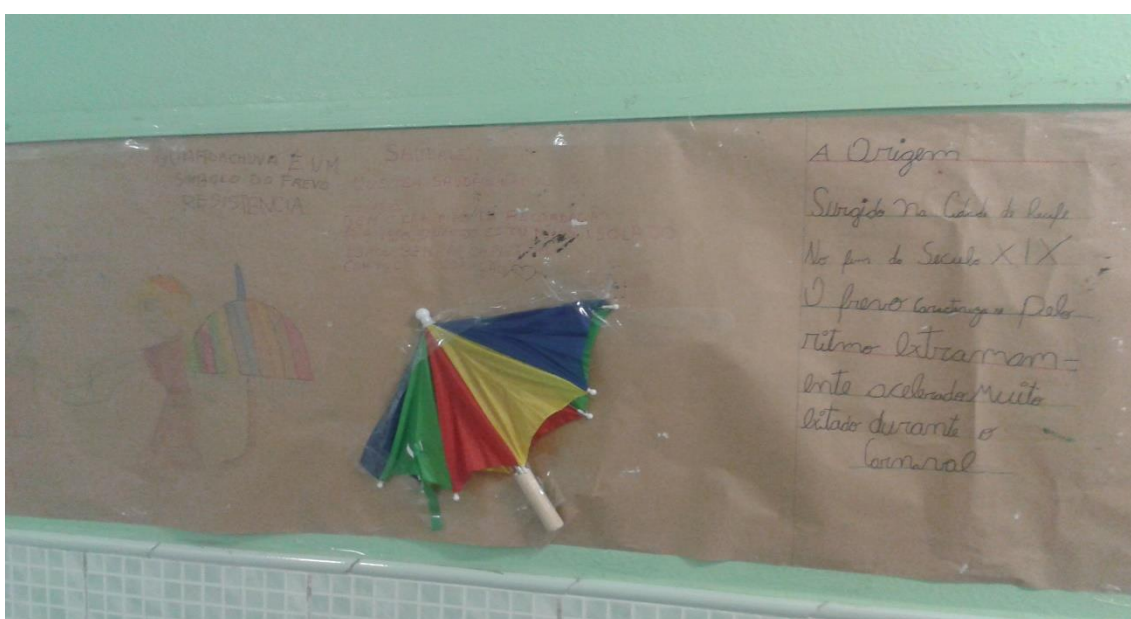


Notei que muito tempo tinha sido destinado às vivências e construções das marchinhas e respectivas coreografias. Para evitar o risco de que deixar apenas uma impressão performática do trabalho realizado, seria necessária a ancoragem social dos conhecimentos, sem desconectá-la dos elementos trabalhados.

Organizamos e desenvolvemos atividades de ensino que permitiram discutir as condições da população negra que chegava ao Recife durante o período colonial. Para tanto, a turma assistiu a um fragmento do filme “Amistad”, de Steven Spielberg e, na sequência, problematizamos a relação do frevo com a identidade cultural dessa população: quem eram? Por que eram perseguidos? Como vêm sendo significados historicamente? Desenhei um esboço da América do Sul, África e Europa. Expliquei o conceito de espólio de guerra e a diferença entre chegar no Brasil e ter subsídios do governo como ocorreu com os imigrantes portugueses, espanhóis e italianos, e chegar na condição de escravizado e subjugado à força.

Durante a atividade, alguns estudantes disseram coisas interessantes. A Jamili disse que agora entende porque os negros sofrem preconceito. O João Vitor disse que na escola ainda vê esse tipo de preconceito presente.

Ao final, elaboramos um mural com registros da caminhada percorrida, as atividades que realizaram, os nomes dos passos. No Mural foi possível identificar alguns efeitos sobre o trabalho. Durante sua construção eles precisaram voltar e acessar o caderno de Educação Física, além disso trocaram informações com os amigos e definiram no coletivo o que cada um faria no trabalho final.



Na época do Carnaval, ao invés de reduzirmos nossos estudos somente àquele momento (curto) e tratar dos saberes da cultura corporal de forma aligeirada, reducionista e turista, decidimos ir além, extrapolar o tempo, estudar com profundidade diferentes temas sobre os grupos que celebram essa festa popular. Pudemos, também, estudar o Carnaval fora de hora e contribuir com uma formação mais crítica dos estudantes. Precisamos ousar, fazer mais e que nossa ação não nos coloque na condição de “professores que ensaiam ou tomam conta dos estudantes”, somos mais que isso! Somos intelectuais!